

A morte dentro de uma cela: Quem matou Elias Maluco?

Suicídios em prisões e delegacias não são incomuns, mas boas práticas da perícia ensinam que é melhor tratar o caso como homicídio até que todas as possibilidades sejam examinadas



Cássio Thyone Almeida de Rosa
29 de setembro de 2020

"É provavelmente ele mesmo, mas é preciso encontrar elementos para essa conclusão". No último dia 22 de setembro, uma terça-feira, a notícia da morte de um detento em uma penitenciária federal de segurança máxima na cidade de Catanduvas/PR, região oeste do estado, chamou a atenção da mídia. Isso aconteceu graças a identificação do preso, que se tratava de Elias Pereira da Silva, conhecido como Elias Maluco, reconhecido como um dos líderes de uma facção criminosa que atuava no Rio de Janeiro, e que vamos identificar apenas como CV.

Elias Maluco foi preso de 2002, e ganhou notoriedade por ter sido, segundo as investigações à época, responsável pela morte do repórter investigativo Tim Lopes, entre outros diversos casos de homicídio. Elias controlava o tráfico de drogas nas imediações do Complexo do Alemão e da Penha.

As informações sobre a morte de Elias relatam que ele encontrado morto em sua cela. O DEPEN (Departamento Penitenciário Nacional), responsável pela administração do presídio, acionou a Polícia Federal, que realizou exame de perícia de local e removeu o corpo para o Instituto de Medicina Legal de Cascavel.

Mortes de detentos no interior de presídios, em especial em suas celas, são casos que sempre nos remetem a um episódio conhecido e traumático de nossa história: a morte do jornalista Vladimir Herzog, encontrado enforcado em sua cela no ano de 1975. Tratado como um suicídio pela estrutura de repressão da ditadura estabelecida, o caso foi reconhecido como um suicídio forjado e o consenso é de que ele foi torturado e morto. A repercussão dessa ocorrência representou um marco na busca da redemocratização do país.

Para um perito criminal que atende uma solicitação de provável suicídio, independentemente de onde ocorra, e em especial num ambiente como o de uma cela, as recomendações e protocolos fazem com que automaticamente se acione uma luz amarela (de alerta). As boas práticas ensinam que é melhor tratar o caso inicialmente como um homicídio, para que, no caso de serem eliminadas todas as possibilidades de que se trate de um homicídio, o perito possa encaminhar sua conclusão no sentido de apontar um suicídio para o caso examinado.

O que se sabe até o momento é que Elias Maluco teria sido encontrado com sinais de asfixia mecânica. Segundo um dos veículos midiáticos que teria acessado o laudo cadavérico, encontramos na conclusão a expressão "*asfixia mecânica, enforcamento, compressão intrínseca do pescoço.*" Outro dado mencionado nessa matéria é o de que, "*segundo informações da Polícia Federal, responsável pelas investigações, a suspeita é de que Elias tenha se enforcado com um lençol.*"

Estariamos, segundo o delegado da Polícia Federal, responsável pelo caso, Daniel Martarelli da Costa, diante de um "*suicídio clássico*".

Suicídios em celas de presídios e delegacias não são incomuns. Quando acontecem, em geral envolvem a prática de enforcamento, meio no qual se emprega um instrumento constritor, que pode ser uma veste, uma roupa de cama, um cinto, um fio condutor, etc. Pela possibilidade de acesso a um destes instrumentos, a prática de suicídio nas condições de uma detenção ou uma prisão acabam relacionadas em sua maioria a essa tipificação.

Diante de um enforcamento (que poderia ter três etiologias diferentes: suicídio, acidente e homicídio, na exata ordem de prevalência estatística de ocorrência), diversos elementos devem ser analisados pelo perito antes de fechar sua conclusão sobre o diagnóstico diferencial, eis alguns deles:

- Condições de preservação da cena;
- Completa descrição de toda a cela, bem como os vestígios encontrados;
- Análise rigorosa do sulco presente no pescoço, com ênfase em todos os detalhes como inclinação, unicidade ou não, compatibilidade com o instrumento constritor, presença de sinais claros de reação vital (lesão *antimortem*);
- presença de outras lesões no corpo;
- compatibilidade dos prováveis livores presentes no corpo;
- Análise do instrumento constritor;
- Caracterização do tipo de enforcamento quanto à posição da vítima: suspensão completa ou incompleta, além dos demais detalhes quanto à posição que podem depender do arranjo do corpo;
- Análise completa do sistema de amarração do instrumento constritor e do sistema de laçada empregado;
- Coleta e análise de todas as medidas pertinentes, dentre as quais: altura e envergadura da vítima; altura do ponto de amarração, altura do ponto onde se verifica o nó no sistema de laçada, altura dos pés em relação ao piso nos casos de suspensão completa;

No Instituto de Medicina legal deverão ser buscados, necessariamente, sinais internos de asfixia mecânica, que podem englobar, além das conhecidas petéquias (sufusões hemorrágicas presentes nos pulmões, coração, outras vísceras, conjuntiva, pele etc.), presença de fratura no osso hioide, e hematomas na musculatura do pescoço.

Um elemento interessante a ser destacado ainda neste caso é a divulgação de cartas encontradas na cela, atribuídas a Elias Maluco e endereçadas a familiares. Com clara conotação de despedida, elas podem, após a comprovação de autoria, mediante exame grafoscópico, fortalecer a hipótese de um suicídio.

Parte do teor revelado pelas cartas corrobora a hipótese de um estado depressivo possivelmente vivenciado pelo detento. Também importa analisar as imagens de câmeras de segurança que podem ajudar a excluir a possibilidade de um homicídio.

Elias Maluco estava preso em uma cela individual sob rigorosa vigilância. Desde o decreto que suspendeu as visitas íntimas e sociais nas prisões federais com regime diferenciado, em dezembro de 2019 (parte do pacote "anticrime"), e o agravamento das restrições na pandemia, certamente estava sujeito a questões psicológicas advindas do isolamento e da solidão. Este é um dos efeitos que se pode esperar.

Será que já temos como buscar um responsável pela morte de mais um detento em nossas prisões?

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Graduado em Geologia pela UNB, com especialização em Geologia Econômica. Perito Criminal Aposentado (PCDF). Professor da Academia de Polícia Civil do Distrito Federal, da Academia Nacional de Polícia da Polícia Federal e do Centro de Formação de Praças da Polícia Militar do Distrito Federal. Ex-Presidente e atual membro do Conselho de Administração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/pericia-em-evidencia/43amav4zhc>

